

**Ouvir  
a voz  
de Deus**

**N**uma das passagens mais belas e misteriosas do Antigo Testamento, o profeta Elias é avisado de que, amanhã, Deus passará diante da gruta isolada na montanha onde Elias tem estado a viver. No momento da passagem de Deus, lemos que «houve um vento enorme, forte, que fendia montanhas e esmagava rochas diante do Senhor.» (1 Reis 19:11)

No entanto, não era neste vendaval violento que estava Deus: «o Senhor não estava no vento».

E, depois do vento, houve um terramoto: «e o Senhor não estava no terramoto».

E, depois do terramoto, um fogo: «e o Senhor não estava no fogo.»

Mas, finalmente, depois do fogo, veio «uma voz de brisa leve – e, aí, estava o Senhor.» (1 Reis 19:12).

A expressão «uma voz de brisa leve» é de uma beleza poética incrível. Pensar que Deus não está no estardalhaço, mas sim no quase-silêncio, tem um alcance muito significativo.

A palavra que traduzi por «voz» também pode significar «som»: em hebraico, «qol»; em grego, «phōnē». É por meio dela que Adão e Eva se apercebem da presença de Deus no jardim, no capítulo 3 de Géne-

sis (onde nalgumas Bíblias lemos «som de Deus»; noutras, «voz de Deus»). Mas quando Deus Ele mesmo a emprega em Génesis 3:17, a palavra significa sem dúvida «voz»: «ouviste a voz da tua mulher», diz Deus, reprovando Adão.

A reprovação está no facto de a voz humana veicular palavras que nem sempre são benéficas (como é o caso das palavras atribuídas a Eva). As palavras divinas estão noutra categoria, embora «benéfico» possa não se afigurar o melhor adjectivo para aplicarmos a algumas palavras atribuídas a Deus no Antigo Testamento (sobretudo quando Deus dita o extermínio dos anteriores habitantes de Canaã, para os que israelitas lá possam viver).

Dir-se-á, por outro lado, que as palavras do Seu filho e porta-voz no Novo Testamento correspondem em pleno ao que se entende por benéfico: algo que faz bem e que, por si só, faz o Bem.

Na rica polifonia do Antigo Testamento – onde tanta importância é dada aos sacrifícios que o povo israelita tem que oferecer a Deus – está também clara a ideia de que Deus não valoriza assim tanto os sacrifícios: o que Ele valoriza acima de tudo (pelo menos nalgumas passagens da Escri-

tura hebraica) é que ouçamos a Sua voz. Dando a palavra ao profeta Samuel, «Serão mais desejáveis ao Senhor sacrificios do que escutar a voz do Senhor? Eis que escutar é melhor do que sacrifício; ouvir é melhor do que a gordura de carneiros» (1 Samuel 15:22).

Poderemos então perguntar: onde é que vamos para «escutar a voz do Senhor», como diz Samuel? Onde podemos ouvir a «voz de brisa leve», que Elias escutou?

Os cristãos acreditam que «Aquele que Deus enviou [Jesus] transmite as palavras de Deus» (João 3:34). No mesmo Evangelho, Jesus diz «quem ouve a minha palavra e crê n'Aquele que me enviou tem a vida eterna» (João 5:24).

Jesus parece estabelecer uma ligação fascinante entre «ouvir» e «crer». Sem ouvir, não há caminho para Deus.

Ouvir as palavras de Deus, porém, não constitui o fim do caminho. A finalidade última é que nós mesmos nos tornemos «morada» da voz de Deus. Esse sentido («morar», «habitar») está implícito no «permanecer» que lemos em João 15:5: «Eu sou a vinha, vós sois os ramos. Quem permanece em mim e

eu nele, esse dá fruto abundante».



E sob que forma é que Jesus permanece em nós? Sob a forma das suas palavras.

«Se permanecerdes em mim e se as minhas palavras permanecerem em vós, aquilo que quiserdes, solicitai – e acontecerá para vós» (João 15:7).

O sentido de «acontecerá para vós» é enigmático. Mas eu diria que morarmos em Jesus, como consequência de as palavras dele morarem em nós, já é, por si só, um Acontecimento.

(na imagem: Elias pelo pintor italiano Guercino)

**Publicam-se as "notas pessoais" orientadoras  
da Homilia do funeral do Pe. Arlindo (20/01/2023)  
que o Bispo D. Manuel Linda  
teve a amabilidade de nos confiar.**

**- Evangelho de hoje: o grupo dos doze**

- Missão: “Andarem com Ele e para os enviar a pregar”  
(espiritualidade e pastoral)

- “Com poder de expulsarem demónios” (caridade)

- Depois da Ressurreição: celebração do amor de Deus: “Fazei isto em memória de mim”

- **Carta aos Hebreus** (cita e remete para Jeremias): Padre = “técnico” da atualização da Aliança

- “Dias virão” - futuro

- “Tomei os vossos pais pela mão” - ternura

- “Esta será a Aliança” - Lei nova, inscrita no coração (no seu pensar, compreender, desejar e decidir)

- Descrita em termos de matrimónio: Sereis o meu povo; serei o seu Deus

- “Eu perdoo... Não recordarei mais” - sem reservas de memória. O que interessa é a via que abre futuro.

- **O Pe. Arlindo**, embora com uma personalidade nem sempre consensual, deu corpo a este ministério de fazer entrar o crente na “Nova Aliança”. Destacam-se:

- Homem de futuro

- Homem não das estruturas, mas da novidade

- Homem respeitador da liberdade

- Homem congregador de pessoas e perspectivas religiosas distintas (ecumenismo).

**- Isso mostrou-se especialmente:**

- no catecumenato (com o Pe. Leonel);

- na promoção social das pessoas;

- no sentido de comunidade;

- na formação;

- no ecumenismo

## **- A sensibilidade pastoral do Pe. Arlindo (carta de 23 de julho de 2021):**

“Entretanto a pandemia. [...] Ainda fui capaz de orientar o cumprimento de tudo o que chegava de cima; também não perdi as três coisas que, na vida pastoral que eu ainda orientava, e que foram sempre para mim as mais importantes: ensinar, celebrar e orientar a Comunidade da Serra do Pilar.

Primeiramente **ensinar**. Mas eu não tinha já força para tanto. Suspendi em 2019 o Catecumenato de adultos. Todos os anos nascia pelo menos um grupo (às vezes dois) que eu *catecumenava* durante 4 anos.

Depois, **celebrar**, que permite algum ensino, é verdade, a homilia pelo menos que entra no ouvido de um lado, mas sai pelo outro. Mas é pouco.

A **liturgia**, no entanto, facilita muita coisa: o canto, a simplicidade e a simbólica. A mais difícil tarefa esmagada pela pandemia foi que ela – a pandemia – julgou poder dar cabo da *eclesía*, mas acabou por ver-se diante de uma verdadeira *eclesía de batizados*.”

## **- Respondi-lhe, em agosto de 2021:**

*“[...] A sua carta sensibilizou-me pelo seu otimismo, pois você, como eu, acreditamos numa Igreja sinodal, capaz de se reinventar e em comunhão de sentimentos com o Povo de Deus que servimos [...].*

*Que lhe dizer mais? Que nós, os padres, não temos “objetivos” (quantitativos) a atingir. O nosso trabalho é a nossa dedicação. O resto deixamo-lo com o Espírito do Ressuscitado. Isto para lhe dizer que você faça o que puder. O resto é com Deus e com o seu povo.”*

## **- Biografia fundamental**

O Pe. Arlindo Magalhães Ribeiro da Cunha nasceu a 31 de maio de 1944, no Bombarral. Ingressou no Seminário em 1954. Concluiu o curso em 1964, ano em que foi colocado como professor de música no Seminário. No ano seguinte passou a Prefeito/Formador. Em 1974 assumiu a tarefa de Capelão desta Serra do Pilar e em 1976 passou a dar colaboração no Tribunal Eclesiástico. Fez doutoramento no Campus de Madrid da Pontifícia Universidade de Salamanca e passou a lecionar na Faculdade de Teologia até atingir 70 anos. Faleceu no dia 18 de janeiro, 1º dia do oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos.

## Homilia preparada pelo Pe. Arlindo para o 4º Domingo do Tempo Comum

**J**Á ATRÁS VIMOS QUE, uma vez batizado, Jesus saiu da água e logo se rasgaram os céus, e se viu o Espírito de Deus descer e vir sobre ele o Espírito, como uma pomba. E uma voz vinda do Céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha graça.»

Então, o Espírito conduziu Jesus ao deserto.

E ele logo começou a percorrer toda a Galileia a anunciar a Boa Nova, curando ao povo todas as suas doenças e enfermidades; mas fazia também visitas, visitava este e aquele, e mergulhava até na vida da própria sociedade.

Não esquecendo os melhores tempos e vultos do Antigo Testamento, temos de concordar que Jesus foi o maior defensor dos pobres. Depois, a eclesía, isto é, os primeiros

cristãos ouviram que: “toda a minha fortuna para sustento dos pobres” (1Cor 13,3). E se a Igreja quer ser hoje fiel às suas origens, precisa de ser defensora dos pobres do mundo. Nós temos de o ser também. Em todos os lados os pobres pedem ao mundo e particularmente à Igreja, que percebam o que aconteceu naquele tempo, “num lugar afastado ... de uma cidade chamada Betsaida” (Lc 9,10) e muito mais tarde na escarpa de uma “Etiópia aqui ao lado”, lugares onde se multiplicaram o pão, os peixes e muitas coisas mais. Pouquíssimo pão e poucos e pequeníssimos peixes para multidões. Mas muitas vezes e em muitos lugares isso aconteceu: os pobres comeram e ainda sobrou! Também aqui!

Outra questão em que Jesus interveio (Jo 2,13-16).

Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Entrou no Templo e encontrou no seu interior vendedores de bois, de ovelhas e de pombas, de cambistas nos seus postos e muitas coisas desse género. Então, fazendo um chicote de cordas, expulsou-os a todos do templo com as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas pelo chão e derrubou-lhes as mesas; e aos que vendiam pombas, disse-lhes: «Tirai isso daqui. Não façais da Casa de meu Pai uma feira.»

“A forma como Jesus atacou diretamente o Templo como antro de materialismo quando finalmente levou a sua mensagem para Jerusalém, determinou o seu fim”, escreveu há já algum tempo Frederico Lourenço. Nunca tinha pensado nisso, mas acho que tem razão.

Após tudo isto, batizado, conhecido o mundo à sua

volta, percorridas “cidades e aldeias,... curadas enfermidades” (9,35), visitados ricos e pobres, crentes e não crentes, depois de intervir no mundo político-religioso um dia, sentou-se num monte e começou a ensinar o povo, dizendo: “Felizes os pobres em espírito”, porque é deles o Reino dos Céus”! São oito estas Bem-aventuranças apontadas por Mateus (6,20-26). Mas a primeira como que resume todas as mais: “Felizes os pobres...”!

Lucas (6,20-26) é mais concreto nas suas Bem-aventuranças que têm uma maior dimensão; mais preocupado com os pobres reais, desestabilizando a escala dos falsos valores que já naquele tempo enchiam a humanidade. Jesus terá mesmo soltado quatro “ais!” contra os ricos, como Lucas diz que sim? E, afinal, o que é uma Bem-aventurança?



Foto de 10.01.2023 - Amarante

**O SENHOR É O PASTOR QUE ME CONDUZ,  
nada me falta!  
É nos prados da relva mais fresca  
que me faz descansar;  
para as águas tranquilas me conduz  
reconforta a minha alma!  
Ensina-me os caminhos mais seguros  
por amor de seu nome;  
passarei os mais negros abismos  
sem temer mal nenhum!  
Junto a mim teu bastão, teu cajado,  
eles são o meu conforto!  
Preparas uma mesa para mim  
mesmo à face do inimigo  
Teu óleo me ungiu a cabeça  
e minha taça transborda  
Viverei a ventura da graça,  
cada dia da vida;  
minha casa é a Casa do Senhor  
e para sempre o há de ser!  
(do Salmo 23 - *O bom Pastor*)**